



prólogo

narrando a história frame a frame

temporada 8 - 2021/1



06/04

Introdução



13/04

Desenvolvimento



20/04

Clímax



27/04

Conclusão



Histórico do projeto

ideia ●●● nome ●●● obras ●●● modus operandi ●●● temporadas

O **paratexto** como introdução

TEORIA E PRÁTICA

palimpsesto ●●● tradução ●●● dialogismo ●●● fidelidade
autores ●●● obras ●●● leitores ●●● argumento ●●● equivalência

O **paratexto** como introdução

QUOTES

Qualquer texto que tenha “dormido com” outro texto [...] também dormiu com todos os outros textos que o outro texto já dormiu
(STAM, 2006: 28)

O **paratexto** como introdução

QUOTES

*O nascimento do leitor deve-se pagar com a
morte do autor*
(BARTHES, 2012: 64)

O **paratexto** como introdução

QUOTES

Um primeiríssimo plano de um revólver não significa 'revólver' (unidade léxica puramente virtual) -, mas significa no mínimo, e sem falar das conotações, 'Eis um revólver'
(METZ, 2014: 85)

O **paratexto** como introdução

QUOTES

Todo sistema de signos (isto é, qualquer língua), por mais que sua convenção se apoie em uma coletividade estreita, em princípio sempre pode ser decodificado, isto é, traduzido para outros sistemas de signos (outras linguagens).

(BAKHTIN, 2011: 311)

**prólogo: narrando a
história frame a frame**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

diálogos ●●● perguntas ●●● conexões

prólogo: narrando a história frame a frame

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. O rumor da língua. Rev. e trad. Andréa Stahel M. da Silva. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GENETTE, G. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. UFMG: Faculdade de Letras, 2005.
- METZ, C. A Significação no Cinema. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- STAM, R. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. Ilha do Desterro: Florianópolis, n° 5, p. 019- 053, jul./dez. 2006.